

A música como uma forma de comunicação¹

Paula Ribeiro BARBOSA²

Douglas Baltazar GONÇALVES³

Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, Volta Redonda, RJ

RESUMO:

Este artigo tem o objetivo de descrever a música como uma ferramenta de comunicação social, pautando a evolução da escrita musical e a forma como ela se tornou uma linguagem incomum entre muitas sociedades. Outro objetivo é trazer à tona o processo evolutivo da música desde as civilizações antigas até os dias atuais, onde ela aparece com um grande valor social na organização do modo de vida das pessoas e por fim, informar sobre a sinestesia quando relacionada ao som, que através de uma fusão entre os sentidos é capaz de produzir uma comunicação sensorial diferenciada.

PALAVRAS-CHAVE: música, comunicação, linguagem musical, sinestesia, valor social

INTRODUÇÃO

A música está presente em várias sociedades do mundo atual, sendo capaz de provocar no homem diferentes sensações e emoções, além de ser a única língua descrita, por alguns autores, como universal. Isso se deve ao fato de que independente do idioma nativo do indivíduo, a partitura musical é a mesma no mundo inteiro, não se tornando necessária a tradução de país para país.

De acordo com Med (1996), a música é um idioma universal com exclusividade, por se comunicar com diversos povos, de diferentes línguas e culturas, sendo considerada uma espécie de esperanto sonoro, portando uma essência sensível concebida pela arte. Dessa forma, torna-se uma ferramenta de comunicação, descrita por Nocko, da seguinte forma:

Música é linguagem. A linguagem seja qual for, influencia no pensamento, no raciocínio. O panorama lingüístico-pragmático atual atesta essas informações. (...) Sob esse prisma, podemos reafirmar a

¹Artigo submetido ao Intercom Nacional, a ser realizado de 4 a 7 de setembro de 2015.

²Estudante do 4º ano do curso de Jornalismo, e-mail: blu.ararinha@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor e coordenador do Centro Universitário de Volta Redonda, e-mail: Douglas.goncalves@unifoa.edu.br

importância da música (uma linguagem) na formação social e mesmo pessoal. (2005, p.149)

Assim, fica evidente a função que a música exerce sobre o indivíduo, passando a absorver um caráter social, indo além de uma simples estética sonora gerada pela união das notas musicais, tornando-se uma ferramenta de comunicação entre as pessoas, como podemos perceber atreves das palavras de Porto:

A música é um grande instrumento de comunicação de um povo. Apresentando características locais, regionais, nacionais e mundiais. Ela também é porta aberta de expressões da cultura. Sua forma e conteúdo refletem o pensar da sociedade, projetam e constroem imagens que demonstram as tendências aceitas e rejeitadas por um grupo, invadem mundos diferentes de pessoas e têm a possibilidade de influenciar outras. (2005, p. 18)

Dessa forma, a música tem um papel fundamental no modo de vida da população, estando presente em várias sociedades, desde a antiguidade até os dias atuais, passando por diversas transformações impostas pela busca do conhecimento e o surgimento das técnicas. À ela já foram atribuídos diversos valores de acordo com o conceito vigente do meio no qual estava ou está inserida, tornando-a promotora de emoções e sensações diferenciadas, em suma instância de ser arte e ciência, passando por diferentes processos dentro do contexto social.

A EVOLUÇÃO DA MÚSICA E SEU VALOR SOCIAL

Há relatos de que a música esteve sempre presente na vida social. Sobre a sua origem foram levantadas algumas hipóteses, mas sabe-se apenas que é existente desde os primórdios da civilização. Esse conceito pode ser reforçado com base em achados de pinturas rupestres feitas em cavernas por povos antigos, onde aparecem imagens de dança e instrumentos musicais. De acordo com Porto (2005), a música pode ser observada na Antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna e na Idade Contemporânea. Gomes (2010) afirma que a flauta, por exemplo, é um instrumento que foi construído há pelo menos 60 mil anos ano a. C.

Na Grécia antiga, foi atribuído à música um grande valor devido ao pensamento da civilização, que a percebia como uma forma de educação, ideia que pode ser melhor

compreendida através das palavras de Gomes:

Foram os gregos, aliás, que deram a essa arte o nome pelo qual é conhecida no Ocidente (música vem do grego *mousiké*) e que criaram os primeiros termos de seu vocabulário específico: ritmo, melodia, harmonia dentre outros. A paixão dos gregos pela música fez com que, desde os primórdios da civilização, ela se tornasse para eles uma arte, uma maneira de pensar e de ser. Desde a infância eles aprendiam o canto como algo capaz de educar e civilizar. O músico era visto por eles como o guardião de uma ciência e de uma técnica, e seu saber e seu talento precisavam ser desenvolvidos pelo estudo e pelo exercício. (2010, p. 14).

A civilização grega atribuía à música a mesma importância do seu idioma nativo, pois acreditava que ela possuía a capacidade de resignificar a humanidade, conduzindo o homem à positividade e equilíbrio. Eles trabalhavam a doutrina *Ethos*, que representava a harmonia entre ritmo, poesia e melodia, fazendo com que o equilíbrio entre esses elementos determinasse o agir da música sobre a índole do ser humano.

Filho (2014), afirma que “a doutrina *Ethos* defendia que a música tinha o poder de agir diretamente sobre o estado de espírito das pessoas, induzindo à ação e fortalecendo ou enfraquecendo o equilíbrio mental.” Assim, a música tinha um papel fundamental sobre a sociedade, pois impregnava ao caráter de educação uma função organizadora na vida social.

Durante a Idade Média, a igreja católica atribuiu um grande poder à música, pois acreditava que ela possuía a capacidade de exercer domínio sobre as pessoas. Nesse momento, a igreja passou a fazer uso da música nos cultos e despertou um forte interesse pela disciplina, como menciona Gomes:

A igreja encorajou o estudo e o ensino da música como uma disciplina teórica inserida no domínio das ciências matemáticas, por isso ela se situa do lado das disciplinas aritmética, geometria e astronomia. Os representantes da igreja prestavam um valioso apoio à investigação e ao ensino musical. Fundaram capelas, colégios, academias, bibliotecas, conjuntos polifônicos e instrumentais, estimulando a formação de compositores, cantores, concertistas e músicos. (2010, p.16)

No Brasil a música foi introduzida através da chegada dos padres jesuítas, momento em que ela era extremamente relacionada a igreja e usada como uma forma de evangelização a fim de converter os povos indígenas que habitavam a região. Na época colonial, a música brasileira possuía características europeias, recebendo, mais adiante

grandes influências dos povos africanos.

Entretanto, correntes buscam definir uma brasilidade sonora aos estilos musicais que permaneceram variáveis no decorrer do tempo, tentando implantar um nacionalismo musical no processo, como forma de criar uma identidade rítmica no território nacional. O primeiro a fundar no Brasil um nacionalismo musical foi Heitor Villa-Lobos, como menciona Almeida:

O nacionalismo musical no Brasil se firmou com Heitor Villa-Lobos na segunda década do século XX. Ele consolidou a música nacionalista no Brasil, despertando o entusiasmo da sua geração para o folclore, traçando assim a sonoridade brasileira. (2006, p.22)

No decorrer da história, alguns gêneros já desfilaram como hegemônicos, onde cada um impregnou um valor social de acordo com sua época dentro da vida cotidiana. Dessa forma, todas as pessoas que fizeram ou fazem músicas nacionais são consideradas seres dotados de valores humanos, por dar segmento a uma cultura ou mesmo construir um novo gênero no contexto social, que muito fala perante a sociedade. (ANDRADE apud MARIZ, 1981, p. 20).

Na visão de alguns autores, a busca por uma identidade nacional musical pode se tornar constante durante muitas sociedades, pois vai depender da corrente dominante do momento, assim como da forma da divisão da sociedade e da política vigente. A música aparece como uma forma de comunicação que indica forte dominância no âmbito social, dessa forma, o que importa é a compreensão do papel que ela desempenha desde a mais antiga sociedade.

No interior deste quadro geral, a música constitui-se em uma manifestação cultural por traduzir, entre outras coisas, a estética em voga em formas sonoras capazes de expressar e comunicar as sensações, os sentimentos e os pensamentos das pessoas e seus modos de vida correspondentes a cada época. (Faria, 2010, p.10)

Nessas circunstâncias, a música não apenas apresenta-se como um manifesto cultural e social do dia-a-dia das pessoas, mas informa um pouco sobre modelo da sociedade no decorrer do tempo, sendo capaz de dialogar e transmitir informações sobre determinadas características de alguns povos e civilizações dentro do processo histórico.

A ESCRITA MUSICAL COMO FORMA DE LINGUAGEM

Além de poder ser cantada e tocada, a música, assim como diversos idiomas que existem no planeta, possui escrita e leitura própria. Isso se deve ao fato de que no decorrer da História foram inventados símbolos que trouxeram a tona o conceito de notação musical, que, de acordo com Med (1996), diz respeito a todos os sinais que representam a escrita musical, tais como: pauta, claves, notas etc. Elementos que quando dispostos são capazes de fornecer a música uma linguagem própria.

Mas antes que a humanidade chegasse ao conceito de notação musical, a música era transmitida apenas de forma oral, sem que houvesse nenhum tipo de técnica capaz de registrá-la, então, as pessoas haviam de apelar pra o registro mental se quisessem reproduzi-las outras vezes, o que fazia com que nem sempre ela fosse executada da mesma forma em diferentes ocasiões.

A evolução da escrita musical iniciou no século V d.C., mas foi no século IX, que a maneira se fazer música começou a ser modificada a partir da construção de símbolos capazes de indicar o desenho do som, concebendo a música como uma linguagem. A música como língua passou a ser grafada de forma visual trazendo a compreensão necessária para que sons musicais pudessem ser reproduzidos a partir dela, diante de uma leitura lógica, como ocorre nos alfabetos. (WALTER apud FERNADES, 1998, p. 49)

Nesse momento foi construída a pauta musical como uma forma de auxílio para a escrita e leitura da música, assim os símbolos musicais passaram a ser dispostos sobre essa pauta, ganhando um novo caráter, como menciona Rego:

Em torno do século IX, surge a pauta musical que a princípio consistia apenas de uma única linha horizontal, de cor vermelha que representava determinada nota e esta foi acrescida de mais linhas com o passar do tempo e especialmente com Guido d'Arezzo que chegou a sugerir o emprego de um tetragrama utilizado ainda hoje no canto gregoriano. (2010, p. 21)

Com o passar dos anos, a pauta musical ganhou mais uma linha horizontal, sendo chamada também de pentagrama. Esse modelo permanece até os dias atuais. No pentagrama são colocadas figuras que representam a duração do som e do silêncio, elementos que constituem a música, que na visão de alguns autores é fundamentizada pelo som. O som é descrito da seguinte forma por Med:

É a sensação produzida no ouvido pela vibração de corpos elásticos. Uma vibração põe em movimento ar na forma de ondas sonoras que se propagam em todas as direções simultaneamente. Essas atingem a membrana do tímpano fazendo-a vibrar. Transformadas em impulsos nervosos, as vibrações são transmitidas ao cérebro que as identifica como tipos diferentes de sons. Conseqüentemente, o som só é decodificado através do cérebro. (1996, p.11)

As vibrações podem ser regulares ou irregulares. As regulares são responsáveis pela produção do som de forma clara e precisa, como a união harmônica das notas musicais, por exemplo. Já as irregulares possuem alturas indefinidas e inconstantes, são os chamados barulhos. Como exemplo pode ser citado o som de motores e bombardeios. De acordo com Med (1969), “na música são usados não somente sons regulares (instrumentos musicais com notas definidas), como também sons irregulares (instrumentos de percussão)”.

A escrita musical moderna foi construída pelo monge italiano Guido d’Arezzo, que batizou as notas musicais com os nomes que as conhecemos hoje: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, que antes eram conhecidas como ut, re, mi, fa, sol, la, san, baseado em um texto sagrado em latim do hino a São João Batista, que de acordo com Régis tem a seguinte escrita:

Ut queant laxis **re**sonare fibri. **Mi**ra gestorum **fa**muli tuorum. **So**lve poluti **la**bii reatum, **San**cte Loannes. Cujá tradução é: “Para que teus servos possam ressoar claramente a maravilha dos teus feitos, limpe nossos lábios impuros, ó São João”. (2010, p. 5)

A escrita musical passou por um processo de evolução até chegar ao século XXI, cuja sua origem é debatida e estudada por alguns autores. Brito (2003), defende a ideia de que a notação musical surgiu decorrente da necessidade do homem em registrar os sons e, dessa forma, preservá-lo, como uma espécie de lembrete para posteriores reproduções. Já para Schafer (1991) a notação musical ganhou vida através do desejo existente na humanidade de capturar o som em determinado momento histórico.

Nesse aspecto, a evolução da escrita musical trouxe um grande avanço na vida social, sendo percebida como uma forma de comunicação presente desde os séculos anteriores até as sociedades do mundo atual. De acordo com Rego (2010), a escrita musical tradicional percorreu o mundo e começou a ser adotada como uma convenção por diversas sociedades, espalhadas nos mais diferentes cantos do planeta. Assim, a música passou a absorver uma linguagem, praticamente única, dispondo de uma leitura singular entre vários

povos, absorvendo a mesma escrita e linguagem independente do gênero a que se destine e da expressão cultural que esteja em questão.

O SURGIMENTO DA TECNOLOGIA E A MÚSICA MASSIVA

Com a evolução do tempo, não apenas a escrita musical sofreu alterações, mas a própria sociedade vivenciou uma mutação causada pela implantação das técnicas, fazendo com que a forma de lidar com a música também passasse por modificações até chegar aos dias atuais. Uma grande transformação advém do surgimento de tecnologias capazes de gravar o registro dos sons, construídas no século XX. Esse foi o pontapé inicial para o surgimento da indústria fonográfica, responsável por impregnar na música um caráter comercial.

Para compreender melhor o surgimento da indústria fonográfica, é preciso falar sobre a indústria cultural, que surge no Brasil a partir da revolução industrial, abrindo espaço para uma economia capitalista, movida pela sociedade de consumo. A partir daí, a música passou a ser tratada como um produto comercial que visava atingir a massa.

Na indústria cultural, a cultura não é vista como um instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento. Ela é tratada, simplesmente, como um produto tocável por dinheiro. Trata-se de uma cultura simplificada, que gera produtos padronizados para atender as necessidades e gostos médios de um público que não tem tempo para questionar o que está consumindo. Ela se baseia no divertimento e distração, sem se preocupar com reflexões sobre os acontecimentos da vida. (BASTOS, 2009, p.25)

Diante desse novo cenário que se apresentava no Brasil, o mercado da música alcançou considerável renda, ganhando grande importância no território nacional, ideia que pode ser melhor defendida através das palavras de Tinhorão:

Paralelamente, o mercado de discos principalmente no Rio e em São Paulo, ampliava-se ao ponto de tornar à sua indústria uma das mais importantes do país (segundo IBGE a produção nacional de discos mantinha-se acima de meio bilhão de cruzeiros já em 1955) o que provocou a inovação das pesquisas de mercado para vender cientificamente de acordo com o gosto do público. Ora, como o público potencialmente comprador de discos era a classe média, foi o gosto alienado que se impôs ao gosto geral e, assim, todos os meios de divulgação. (1997, p. 124-125)

A indústria fonográfica no Brasil destinava-se a atingir grande parte da população na venda de seus produtos e os artistas ganhavam status de ídolos. A técnica havia

possibilitado o surgimento de estúdios musicais, havendo a necessidade de gravadoras e divulgação em programas. Esse modelo sobreviveu com força até a década de 1990, como menciona Paixão:

No final da década de 1990, houve um período de forte pirataria que atingiu o mercado fonográfico brasileiro. A pirataria, iniciada com as fitas cassete, foi intensificada com a popularização do CD. Tal fenômeno contribuiu para a distribuição e o acesso dos produtos culturais de música às massas principalmente nos formatos digitais, mas fez também o padrão industrial sofrer um revés econômico e propiciou um período de readaptação. (2013, p.20)

No início do século XXI, a internet começou a ganhar força, permitindo com que as músicas fossem arquivadas em computadores. No decorrer dos anos, a troca de arquivos através da internet ganhou voz entre a população. As vendas dos CDs começaram a cair e as músicas passaram a ser comportadas em alguns tipos de suportes midiáticos.

Dessa forma, o surgimento da internet reconfigurou o cenário musical, transformando a forma da sociedade lidar com a música, concebendo-a um caráter de música massiva. De acordo com Lima (2007), Toda música que possa ser armazenada em suporte midiático, distribuída e comercializada é considerada música massiva.

Outro aspecto importante, na visão de alguns pesquisadores, encontra-se na evolução da música em sua forma física, o que diz respeito a técnica, que já foi expressada pelo vinil, fita cassete, CD, até chegar nos dispositivos de mídia construídos através da tecnologia digital. Além disso, com o surgimento das tecnologias capazes de gravar diversas músicas, alguns autores defendem a ideia de que a notação musical começou a perder o caráter de preservação da memória musical, pois nos dias atuais, já não é preciso escrever uma partitura para se recordar de uma melodia construída.

Podemos perceber a importância da técnica e das mídias digitais, relacionadas a música, se compararmos os dias atuais a épocas onde esses meios não eram acessíveis a grande massa, como explica Lima:

Antes do advento do aparato tecnológico e midiático, o consumo da música só era possível em situações em que o produtor (músico-compositor) e o consumidor (ouvinte) se encontravam no mesmo tempo e espaço para a realização simultânea da execução e audição musical, fosse

em rituais tribais, salões nobres, palcos burgueses ou feiras livres. (2007, p.79)

Hoje, as novas tecnologias criam novas possibilidades, não apenas concebendo o livre acesso para as pessoas através dos arquivos baixados e compartilhados, mas, segundo alguns estudiosos da área das comunicações, essas tecnologias também permitem que a internet seja utilizada na divulgação de algumas músicas ou mesmo no surgimento de novos artistas, um exemplo disso encontra-se em cantores como Luan Santana e Justin Bieber, considerados por alguns profissionais da imprensa fenômenos musicais da atualidade, que ganharam grande popularidade através do *You Tube*, fazendo com que as mídias digitais forneçam novas possibilidades entre os músicos e o público, o que reconfiguram ainda mais o cenário musical atual.

A MÚSICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A comunicação é fundamental na vida do ser humano, onde seja através da linguagem verbal, não-verbal, gestual, visual, ou qualquer outra, o homem está sempre se comunicando com quem está em sua volta. Com o surgimento dos meios de comunicação, a troca de mensagens entre emissor e receptor se tornou cada vez mais rápida e eficaz, onde o conteúdo ganha importância na medida em que é compreendido pelo receptor.

Os meios de comunicação têm o intuito de transmitir uma mensagem massificada e na maioria das vezes, visando atingir o maior número de pessoas. Vale ressaltar que o conteúdo que move a mensagem se vale de um estado emocional fazendo com que o espectador seja atingido por uma emoção e, dessa forma, um estímulo que vem de fora é capaz de criar uma reação interior, fundamental para que se estabeleça um diálogo. (JOHNSON-LAIRD apud MELLOR, 1990, p. 10).

A música também vem ganhando considerável destaque na mídia atual, e se atrelada a publicidade, por exemplo, pode ser utilizada para causar fortes emoções no público-alvo, como explica Almeida:

Isso é possível com a ajuda dos meios de comunicação como a televisão e o rádio, por exemplo. E uma das formas mais eficazes para a música se enquadrar nesse aspecto publicitário é a utilização da repetição, para que dessa forma ela, enfim, se transforme em mais uma ferramenta de

comunicação e possa ser usada em outro contexto, reforçando a marca ou a campanha. (2006, p.15)

Entretanto, o valor da música nos meios de comunicação não se restringe apenas ao mercado publicitário, mas também é utilizado com constância em trilhas sonoras de novelas, vinhetas de telejornal, programas de auditório etc.

Em alguns casos, a comunicação destinada a massa tende a trabalhar com os sentidos do espectador, buscando bases em um processo conhecido como sinestesia, que é descrito por Homem da seguinte forma:

A Sinestesia (do grego *syn* = juntamente, *aesthesia* = sensação) é um fenômeno no qual os cinco sentidos – olfato, visão, audição, tato e paladar – se misturam. Indivíduos afetados por esta condição podem ver cores quando ouvem sons, sentir gostos ao serem tocados ou mesmo ver cores ao lerem grafemas - letras ou números - sendo este o tipo mais comum. (2006, p. 4)

Assim, sinestesia não ocorre apenas em processos auditivos, mas também em situações que requerem o uso de qualquer um dos sentidos humanos. E nesse ponto entra o papel da mídia no processo, que entrelaça o significado de sinestesia ao conceito de provocar sensações nas pessoas a partir dos sentidos, mesmo naquelas que não são consideradas de natureza sinestésica, pois alguns autores defendem a ideia de que praticamente todos os seres humanos são tocados com maior precisão através dos sentidos.

De acordo com Stewart (1968) “os órgãos sensórias humanos podem ser vistos como centro de comunicações, o lugar de origem e destino de todas as mensagens”. Neto (2008), afirma que campanhas que se valem de sinestesia têm um impacto muito maior dentro da sociedade, por mexer diretamente com os sentidos humanos, justificando os mecanismos midiáticos que visam provocar sensações nos indivíduos que compõem a vida social, dessa forma, o retorno do público se torna maior, tanto na venda de produtos, como nível de audiência dos programas, entre outras situações que envolvam mensagens construídas pelos veículos ou meios midiáticos, que visam fazer com que sua comunicação atinja o maior número de pessoas.

A SINESTESIA NO SOM

Para que possamos compreender a música de uma forma geral, a audição torna-se um sentido indispensável para que o nosso organismo absorva o som produzido pela união das notas musicais. Alguns sinestésicos percebem o som de outra forma, sendo comum relacioná-lo a uma imagem visual, nesses casos, a maioria dos portadores afirma enxergar as notas musicais a partir de cores, complementando o sentido da audição com a visão.

No ponto de vista de Herskowitz *et al* (1991), a visão e a audição são considerados os dois sentidos mais importantes dos seres humanos, sendo acionados no momento em que recebem energias sonoras e luminosas. De acordo com Salles (2002), a ligação entre os sentidos da audição e visão, também passou a ser estudada por Isaac Newton, no Tratado de ótica, publicado em 1704. O físico, a partir dos estudos levantados sobre o tema, definiu as sete cores do arco-íris em concordância com as sete notas musicais, afirmando que cada nota teria uma relação de ligação, comunicando-se com uma cor referente na escala.

Iacomelli (2006), explica que tanto a frequência das cores como dos sons se baseia em uma lei que diz respeito a harmonia geral, tanto nos sons que se sucedem, quanto na tonalidade das cores. Ambas modulam-se em ondas de mesma frequência, tornando possível uma comunicação dialética imediata entre os diferentes sentidos.

Na busca de uma compreensão detalhada sobre a sinestesia, alguns pesquisadores levantaram diferentes óticas no decorrer dos séculos. Há autores que defendem a ideia de que Aristóteles foi o primeiro a estudar as ligações entre as cores e os sons, enquanto outros estudiosos afirmam que Mozart era sinestésico. Nos dias atuais, essa condição desperta interesse em várias áreas do saber humano, como menciona Zatiti:

Hoje, as pesquisas desenvolvidas em torno desse assunto intrigam as mais diversas áreas do conhecimento, como as neurociências, a biologia, a biologia evolutiva, a psicologia cognitiva e a evolutiva, a filosofia, a biofilosofia, a comunicação, entre outras ciências. (2005, p. 34)

De acordo com Day (2005) “cerca de 71% dos sinestésicos têm memória fotográfica e inspiração criativa, o que os faz se interessar mais no ramo da comunicação”. Sobre esse fato Barberi diz o seguinte:

O médico Richard Cytowic, pioneiro em estudos sobre a sinestesia, verificou que os sinestésicos possuem memória e criatividade mais elevadas em relação a média população (...) Entretanto, não se sabe

ainda se a boa capacidade de memorização está relacionada a sinestesia de fato, ou algum elemento correlato. (apud RODRIGUES, 2009, p.17)

Alguns cientistas descrevem a sinestesia como uma desordem neurológica capaz de provocar alterações e relações entre os sentidos, afirmando que essa condição não é considerada uma doença, mas sim uma maneira diferenciada de interpretação dos sentidos a partir do cérebro. Zatiti (2005) descreve a sinestesia como uma forma de diálogo entre duas ou mais modalidades sensoriais, através de uma comunicação direta entre ambos.

Dessa forma, diferentes pontos de vista são levantados sobre um mesmo assunto, que para Sacks (2007), trata-se de um fenômeno sensorial, capaz de estabelecer uma fusão entre os sentidos. Alguns estudiosos de metafísica, por exemplo, chegam a descrevê-lo como um fenômeno paranormal proveniente da psique humana.

Embora não se saiba a causa dessa condição, alguns pesquisadores de diversas áreas concordam que se trata de uma relação estabelecida entre os sentidos, seja como forma de ligação ou comunicação existente entre eles e que a sinestesia está presente há muito tempo dentro da sociedade, fundamentizada em disciplinas que se propõem a estudá-la e evoluir o conceito de sua concepção, no âmbito da vida social.

CONCLUSÃO

Assim como a comunicação, a música se tornou um instrumento indispensável para o dia-a-dia da sociedade, e por ser uma linguagem universal aparece como instrumento unificador de diferentes povos e culturas, havendo autores a definem como a primeira forma de expressão do ser humano, defendendo que ela seja mais antiga do que os alfabetos existentes.

Assim, pode-se dizer que toda música transmite uma mensagem e, assim, no decorrer dos séculos foi passando por várias reformas ou transições, advindas de novas técnicas, como foi o caso da escrita musical, que se estabeleceu como uma técnica capaz de fornecer para a música uma leitura própria, recorrente entre todas as nações e civilizações desde o instante no qual ela foi construída.

A partir do momento em que se estuda a música como uma ferramenta de comunicação é possível compreender que o seu papel social vai além do entretenimento, onde através dela é provável se estabelecer a identidade determinado povo dentro de um contexto sociopolítico vigente, tanto nas sociedades antigas como na atual, regida pelos meios digitais, que hoje, fazem da tecnologia uma das principais mediadoras entre o público e a música, alterando a fórmula das antigas civilizações.

O conceito de música atravessa fronteiras e a comunicação estabelecida por ela, muitas vezes, tem o dom de penetrar nos sentidos humanos. Assim, a música torna-se elemento de grande força na vida social, pois possui o poder dialógico da mensagem, seja transmitida ou recebida, construindo diversos gêneros e estilos, que portam, hoje em dia, uma força de expressão entre comunidades e sociedades, o que incrementa ainda mais o papel da música como instrumento de comunicação na vida social, produzindo as mais diversas manifestações culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, C. M.A **música na comunicação e sua importância na publicidade**. 2006. 44 f. Monografia – Centro Universitário de Brasília. Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA, 2006.

BASTOS, G. M. **Jovem Música Sertaneja: A construção de marca dos artistas sertanejos contemporâneos**. 2009. 58 f. Monografia – Faculdade de Comunicação. Universidade de Brasília, 2009.

BRITO, Teca A. **Música na educação infantil**. 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2003. 208 p.

DAY, S. **Some Demographic and Socio-cultural Aspects of Synesthesia**. Oxford University Press, New York, 2005.

DURIE, B; BARBERI, M. **Portas da percepção. Mente e cérebro**, São Paulo, Edição Especial, nº12, 2008. Segredos nos sentidos. pp 6-15.

FARIA, P. O. **Uma análise geográfica da modernização sócio-espacial brasileira a partir da cultura e música caipiras e da música sertaneja**. 2010. 100 f. Instituto de Geografia. Universidade federal de Uberlândia, 2010.

FERNANDES, José Nunes. Metodologia das Oficinas. In: Oficinas de Música no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Papéis e Cópias. 1997, p.82-112.

FILHO, C. S. G. **Musicoterapia: aspectos históricos e sua configuração na atualidade.**2014. 44 f. Monografia – Centro de Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão, 2014.

GOMES, I. R. T. **Música: A importância pedagógica para o ensino fundamental.** 2010.52 f. Departamento de Educação – Campus I. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2010.

HERSKOWICZ, G; PENTEADO, P. C. M; SCOLFARO V. **Curso Completo de Física.** 1 ed. São Paulo: Moderna, 1991.

HOMEM, Karen Silvia de Carvalho. Sinestesia: uma ferramenta para desvendar o cérebro? Universidade São Judas Tadeu faculdade de ciências biológicas e da saúde. Curso de ciências biológicas: São Paulo agosto, 2006.

IACOMELLI, P. Kandinsky e a Alternativa ao Verbal. In: JANEIRA, A. N. (org). **A construção visual entre as artes e a ciência;** São Paulo: Arké, 2006. PP 89 -100.

LIMA, T. Música e mídia: notas sobre o manguê-beat no circuito massivo. Disponível em: <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/11/05.pdf> Acesso: 10 de jul. 2015.

MARIZ, Vasco. História da Música no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.Lisboa: Ed. Teorema, 1990.

MED, Bohumil. *Teoria da Música.* 4. ed. Brasília, DF: Musimed,1996. 420 p.

NETO, F. G. N. **Comunicação Visual e Sinestesia: uma análise da campanha impressa “pespi”- dare for more.** 2008. 62 f. Monografia. Curso de Publicidade e Propaganda. Faculdade 7 de Setembro, 2008.

NOCKO, C. M. A sociedade da música da mídia. Disponível em: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/caio_nocko.pdf Acesso em 20 jun. 2015.

PAIXÃO, L. F. **A indústria fonográfica como mediadora entre a música e a sociedade.** 2013. 104 f. Departamento de Artes – Schila. Universidade federal do Paraná, 2013.

PORTO, A. L. **Uma análise dos louvores contemporâneos em igrejas batistas de São Luíz–**

Ma, à luz da Teologia reformada. 2005. 89 f. – Monografia. Instituto Superior de Teologia reformada, 2005.

REGIS, F. **Curso Completo de Teclado:** novas tecnologias aplicadas ao estudo e à produção musical. São Paulo: Escala, 2010.

REGO, D. P. **Contato informacional com a notação musical tradicional:** estudo de caso sobre a aplicação de leitura rítmica em uma creche – escola no Méier. 2010. 64 f. Curso de Graduação em Música. Monografia – Centro de Letras e Artes. Universidade federal do estado do Rio de Janeiro, 2010.

RODRIGUES, I. O. **As cores do Som.** 2009. 68 f. Monografia – Curso de musicoterapia. Faculdade Paulista de Artes, 2009.

SACKS, Oliver - *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro.* Companhia das Letras, 2007.

SCHAFER, Murray. A nova paisagem sonora. In: O ouvido pensante. São Paulo: editora Unesp. 1991.

SALLES, Filipe. Imagens musicais ou música virtual: um estudo sobre as afinidades entre o som e a imagem, baseado no filme ‘Fantasia’ (1940), de Walt Disney. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)- PUCSP, São Paulo, 2002. Disponível em: < <http://www.mnemocine.com.br/filipe/tesemestrado/>>. Acesso em: 17 mar. 2007.

STEWART, Daniel K. A psicologia da comunicação. Rio de Janeiro: Companhia editora forense, 1968.

TINHORÃO, José Ramos. Música Popular: Um Tema em Debate. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ZATITI, V. H. G. **Comunicação Sinestésica Midiática.** 2005. 254 f. Monografia – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade estadual Paulista, 2005.